

Não se ama o mar sem amar as marés
Cristina Mello

É muito difícil escrever-se um livro tão coeso tematicamente. Deste lugar que o Rui Grácio intitulou Não se ama o mar sem amar as marés, publicado pela Pé de Página, em Fevereiro deste ano, se fala do amor, como um sentimento ontológico, como projecto de vida, como problemática existencial, como afecto telúrico e «rasteirinho».

Daqui se fala de tudo o que tem a ver com o Homem com H maiúsculo, o homem de carne e osso, o homem de todos os lugares e circunstâncias, o homem que sente, pensa, ama e sofre.

Daqui se fala das delícias do amor, daquele que se espera, seja desfrutado numa existência cheia de sabedoria. E como saímos recompensados no final da leitura desta longa reflexão poética! Uma poesia tingida de filosofia, fazendo passar, uma lição sobre a vida na sua inteireza e plenitude, uma lição que aponta para um viver em equilíbrio.

O que fica tão limpidamente escrito neste livro comunga directamente com a inteligência e a sensibilidade dos leitores, pedindo, além do mais, uma aproximação física, intuitiva. Penso que livros assim, escritos com o corpo inteiro, pedem a dádiva de uma leitura despojada, uma leitura feita com o corpo, na qual o leitor projecta os seus afectos, as suas pulsões, os seus mitos e fantasmas.

É evidente que a minha leitura deste livro não pode ser alheia ao conhecimento que tenho de outros textos do Rui Grácio, como por exemplo do livro Guardador de percursos, um conjunto de ensaios publicado em 2003.

Não, a escrita aqui não deixa ninguém indiferente. Cada um de nós pode vir aqui buscar um pedaço de pão e um copo de vinho.

Creio não exagerar se disser que este é um dos livros de poesia mais bonitos que li nos últimos tempos.

Há uma pregnância emocional que me toca muito.

Muitas aprendizagens: a aprendizagem do tempo. O tempo maturação. O tempo ligado à memória.

A aprendizagem do acaso, que entendo como forma de valorizar o instante, o vento que passa, a mão da felicidade,

Um modo quase dramatizado de fazer poesia. Há um jogo de vozes que surge de modo muito subtil, o que confere um tom dialogal.

Poemas inteiros constituem uma interrogação

Exemplo: “Que lugar?”

Conheces aquele lugar

Onde não se quer pensar

Por se ter já reflectivo em demasia

E onde a espuma dos dias sucedidos

Já só quer esquecer-se noutros a suceder?

Exemplo: “Ajuda?”

Ajuda se eu disser

Que nos misturamos como mar e terra?

Ajuda se eu pedir
Não zangues a felicidade? (p. 113)

Às tantas, fui notando o modo particular de tematizar o amor. O poeta deixa pegadas ao longo da sua obra e nós vamos descobrindo, nessas pegadas, sugestões de ideias, emoções e sentimentos, como aroma que ressuma da figueira, como subtil acorde musical. Isso quer dizer que este poeta fala à nossa inteligência e à nossa sensibilidade através da sua linguagem muito particular. Depois de lermos e relermos este livro e depois de o guardarmos na estante, fica uma mistura de sensações de agrado, sensações que remetem para o campo reflexivo.

É impossível lermos da mesma maneira e, por isso, não tenho a pretensão de que esta minha leitura possa constituir um guião para quem ainda não conhece o livro do Rui Grácio.

O que trouxe são apenas umas impressões de alguns contactos com este trabalho. Já conhecia o livro há vários meses e fiz várias leituras. Da primeira vez, senti que estava diante de um grande livro. Intuí logo a força estética da sua linguagem lírica. O modo vibrante, vibrátil, de quem tangendo uma corda faz soar não sei quantos acordes. Foi isso, talvez, que senti da primeira leitura. Dela ficou ainda o prazer intelectual e físico de viver, em segunda, ou em terceira mão, os afectos que se mostram e se escondem nesse livro.

Depois, fui relendo, devagar, para buscar a confirmação da primeira leitura e ficou, desde há vários meses, a confirmação de estarmos, de facto, perante um texto lírico diferente do muito que se tem publicado entre nós.

Diferente porque se afasta de várias tendências: tanto daquela que romanticamente tematiza a subiectividade lírica, como daquela que despragmatiza semanticamente o lirismo e se propõe como outra coisa, cujos contornos discursivos e genológicos ainda estão por definir.

Gostaria de salientar alguns aspectos desse discurso poético.

Uma relação amorosa com as palavras de tipo materno:

“Colo”

Dá-me um colo de palavras
Para nele deitar a cabeça
E repousar o silêncio da natureza

Um colo de palavras que liberte a grandeza
Invente hipóteses de vida
Para além da prisão das certezas
E sonhe e alente
A improvável incondicionalidade

Como se depreende, trata-se de uma percepção, por parte do sujeito poético, de tipo mítico, já que, esse lugar – o colo – sugere, metaforicamente, um húmus materno grávido de esperanças, de “hipóteses de vida”. Mas o colo aponta ainda para um outro sentido – o de um tempo sem tempo, um tempo suspenso, vivido para “além da prisão das certezas”.

É este lugar e este tempo que creio perceber na poesia do Rui Grácio como tempo e lugar de um materno amor que vai influenciar a sua visão do afecto. Os materiais disponíveis são as palavras, e com elas o corpo do sujeito que as pronuncia e por vezes as endereça a alguém.

Sempre que lemos tematizações do amor na literatura, seja em prosa, seja na poesia, mas mais na poesia, procurámos captar os contornos antropomórficos do rosto do sujeito amoroso, tanto do que fala, como daquele a quem se dirige. No caso da poesia de Rui Grácio, esse rosto é o do próprio amor. O que me leva a um verso de Carlos Nejar, amar na amada o amor da própria amada, ou ao poema Metamorfose de Jorge de Sena, pela sua indecidibilidade.

De resto, o amor, de amor é fogo que arde sem se ver, é mais a impossibilidade de definir o amor do que o elogio do sentimento naturalizado na figura feminina. Estamos com estes podemas diante de ideias que pela sua reiteração na economia global do livro compõem uma figura, entendida esta como macro signo semântico. Neste sentido, muitos poemas, são variações desse signo maior, como é o caso deste: “Como sangue que corre”

Deslizando entre letras e espaços
As tuas palavras têm amor incorporado
Como sague que corre
E dirige o sopro da vida

O sintagma sopro da vida nos remete para um importante mito poético do discurso de Rui Grácio, o mito de Prometeu. Da narrativa desse mito a poesia de Rui Grácio recupera o sentido demiúrgico da criação, o que se comprova, nas associações que o seu texto legitima entre sopro – vida – criação.

Um outro aspecto que me toca muito nesse discurso é a capacidade do poeta sintetizar pólos da vivência amorosa compondo um mosaico extremamente dialéctico. Nessa capacidade transformadora eu relembro um outro mito, o mito de Midas.

Mas vejamos então os diversos pólos da vivência dos afectos:

Um lado carnal, físico, patente na vontade de desnudar-se em absoluta cumplicidade:

Aconchegadas pelo teu ouvido
As minhas vergonhas são simples
Laços de cumplicidade

É a ti que confesso o inconfessável
É a ti que confio
A voz alta dos pensamentos

O livro está dividido em quatro partes: Palavras de maré cheia, Espelhos de maresias, Esculturas na areia, Marés suspensas
Na primeira parte, Palavras de maré cheia, 11 poemas. Sucendem-se imagens de plenitude

O corpo tem feitiços que atordoam
E fazem amar como um contorcionista

Que todo quer ficar dentro de ti (p. 14)

Imagens do desejo em liberdade

“voar”

Na ressonância erótica da tua voz
Chega exigente o envolvimento
Que com requinte abre a porta
Para que as asas batam e voem

Imagens de comunhão com o ente amado

“Brotar palavras”

Só tu poderias colher
Como gritos serenos
As palavras que brotam
Do desejo de mimar-te

Recebe-as de lábios abertos
Para que entrem
E pousem no teu espírito

Nesta primeira parte fica inscrito um lado luminoso, que assinala a crença no amor como epifania que se desloca de um plano conceptual para um plano antropomórfico e humano.

Espelhos e maresias, segunda parte, o sujeito poético continua a habitar a plenitude

“Habitação”

Inundas-me com uma beleza
Que de mim já desertara
Habito agora a plenitude
No pulsar das tuas células (p. 31)

A plenitude poetizada se associa ao sentido da liberdade na conjugação possível entre o eu e o outro:

Vejamos algumas variações desse sentido

“Incondicional”

Nunca a exigência existirá
No sopro da minha voz
Não penses que me apodero de ti

Busco apenas que o infinito viva no finito
A dedicação se eternize no contingente
O humano receba a gota do divino (p. 32)

“Mote”

Cada frase minha para o mundo
Traz escondido um repetido amo-te
Mote de cada batida do coração
Pele que cobre o meu peito

Vives no sumo dos meus lábios (p. 37)

“Cosmogonia”
É cosmogonia de amor
A combustão das nossas forças
Em criação

Em sublime ardência
Damos forma terna ao volátil (p. 43)

“Que nome?”
Que nome darias à proximidade mais próxima
Mas que ainda assim exige
Que nos aproximemos mais mais e sempre mais? (p. 47)

Plenitude do amor partilhado
Várias ocorrências:

- “preenches cada dia em que me reinvento” (p. 49)
- “amas-me como eu não sabia ser possível” (p. 51)
- “elo mais precioso/ és bálsamo de todas as coisas” (p. 51)

O amor ganha uma feição espiritual
“os teus sons de amor eram música dos anjos” (p. 50)

Mas há momentos em que se apresenta numa intensidade desmedida, parecendo que estamos diante do culto daquele amor absoluto que abrange o céu e a terra, a natureza, o cosmos:

“Crescente”
E cada novo dia nasce risonho
Porque carrega a esperança de te poder dizer
Com urgência renovada
A intensidade crescente do amor

Mesmo tendo-te em cada batida
Não consigo evitar a saudade

Terceira parte
Esculturas na areia
Lugar de edificação

Exemplo
“Ternura”

As tuas formas estão inscritas nos meus gestos
Possuis a minha ternura
Em toda a dinâmica
Das suas metamorfoses

Exemplo: “Paz e projecto”
A ti ertenço e me oferenco
Como uma criança adulta
Que brinca na segurança do lar
Casa casulo corpo
És a paz e o projecto
A sua alegria palpitante
O tu do nós que me sustenta (p. 93)

E chegamos ao nucleo dos temas solares – a alegria que faz desabrochar a escrita, uma crença em valores perduráveis

“Partilha”
Temos em nossas mãos
Toda a força
Toda a fragilidade
Alegria
É o merecimento do nosso ser (p. 91)

Quarta parte: Marés suspensas
Na quarte parte, marés suspensas vemos um adensar da interioridade do sujeito. As intuições de verdade, de certeza são afirmadas num tom ora melancólico, mas sempre sereno, ora epirucurista e consolidam-se no discurso temas que vêm desde o inicio do livro e nesse ultimo andamento vão conferir a unidade de que falei no inicio.

A reflexão sobre a existência humana, dela elegendo as manifestações afectivas, se por um lado confere ao texto um halo dorido – porque o amor de que aqui se fala, é sobretudo um projecto – por outro confere ao texto um tom de proximidade, provocando um efeito de comunhão, de partilha. Afinal, quem lê este comboio de corda chamado coração também pode se perder no jogo lúdico da escrita..

Um exemplo desta sugestão é o poema

“o não lugar do amor”
não se ama o que alguém é
ama-se a contingência de uma configuração
correspondêrnica em mar de exaltações
aquém da alavra que brinca o ser (p. 109)

“Sementeira” é o ultimo poema do livro

o fruto da vida

é a morte

até lá
seja sementeira

e será esperança em pele de tarefa
planos de morrer de resistência (p. 123)

Resistência – uma grande paixão de Rui Grácio, que se manifesta também no seu currículo; jovem autor de mais de uma dezena de livros. Auguremos-lhe uma boa sementeira!

Cristina Mello